

Recebido em: 01/05/2022
Aprovado em: 13/06/2022
Publicado em: 30/09/2022

ALGUNS COMENTÁRIOS E OBSERVAÇÕES SOBRE A OBRA DE MERLEAU-PONTY E DE SUA INTERPRETAÇÃO SOBRE A PSICANÁLISE

SOME COMMENTS AND OBSERVATIONS ON MERLEAU-PONTY'S WORK AND HIS INTERPRETATION OF PSYCHOANALYSIS

Daniel Severo Cardozo¹
(dcsevero@gmail.com)

Resumo: O trabalho em questão possui a natureza mencionada no título, isto é, visa declarar alguns comentários e observações referentes: 1) a obra de Merleau-Ponty, tanto comentários sobre o seu pensamento, bem como apresentar observações referentes as interpretações correntes relevantes ao contexto brasileiro de sua obra – se há um rompimento de seu pensamento no interior de seus trabalhos, se é ou não um filósofo da consciência, se seu projeto filosófico fracassou ou não, entre outros; 2) no que tange a Psicanálise, apresentar de modo sintético a interpretação do filósofo dela – tanto de Freud, como seu uso de Klein, como sua interpretação é relevantes a críticas a pós-freudianos, aproximações a pós-freudianos, a importância da Psicanálise a Filosofia e a Fenomenologia, entre outros.

Palavras-Chave: Merleau-Ponty. Filosofia da Psicanálise. Fenomenologia-existencial. Técnica psicanalítica. Linguagem.

Abstract: The scientific paper in question has the nature mentioned in the title. It aims to declare some comments and observations concerning: 1) Merleau-Ponty's work, comments on his thinking, as well as presenting observations regarding current interpretations relevant to the Brazilian context of his work – if there is a disruption of his thinking within his works, whether or not you are a philosopher of consciousness, whether or not your philosophical project has failed, among others; 2) with regard to Psychoanalysis, to present a summary of the philosopher's interpretation – Freud, as well as his use of Klein, as his interpretation is relevant to criticism of post-freudians, approaches to post-freudians, the importance of psychoanalysis, philosophy and phenomenology, among others.

Keywords: Merleau-Ponty. Philosophy of Psychoanalysis. Existential-Phenomenology. Psychoanalytic technique. Language.

Em seus primeiros trabalhos, Merleau-Ponty (1945/2008) possui o projeto de resgatar o contato e a relação primordial e original que fora perdida pela tradição filosófica – ruptura efetivada nos problemas modernos que promoveram a cisão sujeito-objeto. Por esse motivo, o corpo aparece como elemento central em sua obra, devido ao fato de possuir uma existência

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo. Professor da Universidade de Taubaté na cadeira de Psicanálise e Professor de Filosofia na Faculdade Dehoniana.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7682100151879757>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9953-7438>.



ambígua, pois não conseguimos determiná-lo somente como matéria ou espírito, somente como sujeito ou objeto, ou seja, ele rompe com as dicotomias herdadas da tradição. Logo, o corpo se apresenta como um formidável candidato a ponto de fundação. Concomitante a ele, a percepção aparece, desse modo, como o ponto de redução fenomenológica ímpar por permitir que saíamos desses prejuízos herdados – denominado pelo autor na *Fenomenologia da Percepção* de *prejuízos clássicos* e em *O olho e o espírito de pensamento de sobrevoo* – e possamos resgatar o ponto de contato, elo, vínculo ou emersão originários. Entretanto, o próprio Merleau-Ponty (1964/1971), em duas notas publicadas em *O visível e o invisível*, chamados *Cogito tácito* e *Cogito tácito e sujeito falante*, percebe que esse projeto inicial do modo como foi posto ainda se encontra preso a uma filosofia da consciência ou da subjetividade que precisará ser superado (MOUTINHO, 2012). O filósofo afirma “claro que o Cogito tácito não resolve esses problemas. Ao revelá-lo como fiz na Fenomenologia da Percepção, eu não cheguei a uma solução (meu capítulo sobre o Cogito não se liga ao capítulo sobre a fala): eu ao contrário coloquei um problema” (MERLEAU-PONTY, 2008, p. 229). Esse problema repercutirá em sua obra posterior, principalmente a partir da década de 50 – apesar de ter sido somente diagnosticado em 59 -, como, por exemplo, a alteração da definição de *Natureza* em seus cursos no College de France. Nesses cursos, a *natureza* deixa de ser um objeto para consciência, como ele havia definido em *A Estrutura do Comportamento*. Nesse livro, Merleau-Ponty (1942/1972, p. 1) a define por meio do objetivo da obra que seria a de “compreender as relações da consciência e da natureza – orgânica, psicológica, ou mesmo social. Entendendo-se aqui por natureza uma multiplicidade de eventos exteriores uns aos outros e ligados por relações de causalidade”. Já nos cursos, ele passa a ver a *Natureza* como o nosso solo (MERLEAU-PONTY, 1956-61/1995, p. 19). Percebemos também, nessa passagem, algumas alterações no vocabulário do filósofo, que gradativamente substitui alguns termos em proveito de outros, e passa adotar termos como *imersão*, e, principalmente, *imbricamento*. Essas substituições conceituais culminarão no final dos cursos sobre a *Natureza* com o estabelecimento de noções centrais a obra final de Merleau-Ponty (1956-61/1995) como *Quiasma* e *Carne*.

Vale ressaltar que dentro de interpretações, comentadores, intérpretes e discussões sobre a obra de Merleau-Ponty há um debate que remete a essa passagem aventada acima sobre as duas notas publicadas em *O visível e o invisível*. O problema circunda-se em findar se houve uma cisão no interior do desenvolvimento do pensamento do filósofo, entre uma obra e outra ou entre um momento inicial ou intermediário de seu projeto filosófico. Como não há consenso, alguns consideram ter havido uma cisão (BARBARÁS, 1991; 1998); enquanto outros veem que essa passagem, o problema entre capítulos, independente de ter havido

uma cisão, revela o fracasso do projeto filosófico do filósofo (MOURA, 2001; 2012); e outros assumem não haver essa cisão (MOUTINHO, 2006; 2012). Nas notas, o próprio filósofo confessa existir um desacordo dentro de sua obra *Fenomenologia da Percepção*, pois o capítulo sobre a fala não coadunaria ou não se encaixaria com a última parte que versa sobre o *Cógitto Tácito*, a *Temporalidade* e a *Liberdade* – em que o maior desacordo ocorre no capítulo sobre o *Cógitto Tácito*. A posição adotada por este trabalho diante desse problema parte do pressuposto de que esse desacordo seria uma *ruptura programada*, ou seja, uma ruptura inerente e causada pelo próprio movimento de *redução fenomenológica* que Merleau-Ponty (1945/2008) define, adota e coloca em curso desde o prefácio da *Fenomenologia da Percepção*.

Inicialmente, o movimento da redução é o de retornar às coisas mesmas, “é retornar a esse mundo antes do conhecimento que o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual qualquer determinação científica é abstrata, significativa e dependente” (MERLEAU-PONTY, 1945/2008, p. 9). Com esse objetivo em mãos, o de retornar às coisas mesmas, a redução torna-se um movimento descritivo sempre incompleto e aberto, sem fim e sempre em rumo ao desconhecido, pois, Merleau-Ponty (1945/2008, p. 14) elucida que a “maior lição da redução é a impossibilidade de uma redução completa”. Logo, devido a sua incompletude, a redução obriga o filósofo a ser alguém que sempre (re)começa e:

a filosofia não deve, ela mesma, tomar como certo o que ela pode ter dito que é verdade, ela é uma experiência renovada de seu próprio começo, que ela consiste, toda ela, em descrever esse começo e, finalmente, que a reflexão radical é a consciência de sua própria dependência sobre uma vida irrefletida, que é sua situação inicial, constante e final. Longe de ser, como quiseram, a fórmula de uma filosofia idealista, a redução fenomenológica é a de uma filosofia existencial (MERLEAU-PONTY, 1945/2008, p. 14).

Portanto, essa proposta de uma *ruptura programada* não se encaixa em nenhuma das três teses citadas, embora siga os fundamentos do método anunciado pelo filósofo no prefácio. Ao se interrogar sobre as razões e a necessidade de ainda haver fenomenologia, Merleau-Ponty (1945/2008) tem como consequência lógica esse ponto de tensão como resultado promovido pelo próprio método adotado. Logo, o filósofo não poderia ter outro resultado do que chegar aos limites ou fronteiras da consciência, em sentido transcendental, requerendo mudanças ontológicas que foram adotadas como fundantes - no ponto de partida da redução. Isto é, a mudança da posição inicial adotada em *A Estrutura do Comportamento*, de que o mundo estaria posto como objeto à consciência, requer ser superada e reformulada necessariamente devido ao próprio método (redução) definido e adotado por Merleau-Ponty (1945/2008)

na *Fenomenologia da Percepção*. Dessa forma, o método da redução, proposto e usado por Merleau-Ponty (1945/2008) em suas obras iniciais, o obrigará, em relação a posição empregada para os primeiros passos da redução, que a tenham que ser abandonada ao longo desta por exigência do próprio método. Conclui-se assim que a redução exige que ao mesmo tempo em que se adote o ponto de partida estabelecido em *A Estrutura do Comportamento*, abandone-o e o reformule ao final da *Fenomenologia da Percepção*, pois, chegou-se ao seu limite e a sua fronteira – que coincidem com os da consciência também. Desse modo, a *Fenomenologia da Percepção* leva pelo processo de redução ao limite do ponto de partida estabelecido n’*A Estrutura do Comportamento*, requerendo as mudanças ocorridas nas obras posteriores do filósofo a partir da década de 50. E isso é necessário que ocorra para que a redução continue e não fique estanque, respeitando o seu próprio movimento – de incompletude perpétua, de ser uma experiência que continuamente é renovadora de seu próprio começo, devido a nossa condição existencial e de ser uma filosofia existencial. Um dos primeiros passos dados ao prosseguimento da redução, após ter chegado ao seu ápice na *Fenomenologia da Percepção*, é o de renovação de seu ponto de partida estabelecido n’*A Estrutura do Comportamento*, isto é, a redefinição do conceito de natureza para Natureza realizado no prefácio dos cursos do College de France. Portanto, a proposta adotada aqui a esse problema é que houve uma ruptura, embora não irrompa com a continuidade do movimento metodológico e do pensamento do autor – por isso há ruptura, mas não necessariamente cisão, há quebra sem rompimento. Há uma ruptura de conceitos ou redefinições de noções necessárias para a manutenção do movimento do pensamento e do projeto filosófico do filósofo.

Destaca-se, sintetizando o exposto acima, que a proposta de redução apresentada por Merleau-Ponty (1945/2008) não se trata de uma redução fenomenológica husserliana que conduziria a um *Ego transcendental* ou, como quiseram, a de ser fórmula de uma filosofia idealista – algo que o filósofo critica no prefácio da obra. Aqui, o filósofo se posiciona como existencialista, ou seja, a redução fenomenológica nos conduz ao primordial, que seria a sensibilidade e a experiência, pois são o que nos sustenta, ou seja, a redução fenomenológica é a fórmula de uma filosofia existencial. Dessa forma, o movimento que Merleau-Ponty (1945/2008) coloca em marcha a partir do prefácio da *Fenomenologia da Percepção* tem também como destino a sensibilidade e a experiência, os nossos alicerces. Eles estão presentes na percepção como contato originário, e o resultado desse processo nos leva naturalmente à reformulação do conceito de natureza para Natureza (Merleau-Ponty, 1956-61/1995) devido à ruptura programada do método. Desse modo, se tenho como ponto de partida uma suposta filosofia da consciência, realizando a redução em direção à experiência e

sensibilidade, chego inevitavelmente aos limites desta. Logo, o próximo passo requer a imersão ou o imbricamento que nos obriga que abandonemos o ponto de partida adotado. Percebemos que há uma ruptura, mas uma ruptura programada por ela ser inevitável em virtude do próprio processo de redução em andamento, entretanto, essa ruptura não consegue provocar uma cisão no pensamento do autor. Isso se torna mais claro quando adotamos outra perspectiva, a de que há um núcleo ontológico constante ao longo de toda obra do filósofo. Assim, perceberemos que a dimensão dessa ruptura se abranda, enquanto se destacam outros elementos que possuem permanência conceitual nas obras do filósofo, como a noção de estrutura e dialética – sem síntese e com permanência de tensão, isto é, visível e invisível, voz do silêncio, instituinte e instituído, estrutura (do comportamento), entre outros. Essa tensão dialética também se apresenta na *Fenomenologia da Percepção* no capítulo sobre a linguagem, ou *o corpo como expressão e a fala*, pois, há uma fala *falante* e uma fala *falada*. Convém frisar que a tensão dessa dialética se dá porque a superação inclui o superado, onde a figura inclui o fundo e que só se destaca graças à permanência do fundo. Logo, a possibilidade da fala *falante* na *Fenomenologia da Percepção* só ocorre por meio da fala *falada*, mas com o fundo *Liberdade*, último capítulo do livro, possibilidade essa que permanece ao longo das obras a partir da década de 50. Figura e fundo (o visível requer o invisível para ser visível, a voz do silêncio, o filósofo e sua sombra etc.) nos permitem então entender que há uma estrutura na percepção que se trata de uma estrutura ontológica e uma estrutura dialética de tensão constante.

Para o filósofo, essas tensões são fundamentais, nas quais ainda não destacamos a de *O filósofo e sua sombra*, em que há uma sombra onde a luz da razão não consegue iluminar inteiramente e sempre precisa de sua presença, pois ela doa o contorno e revela o fato de que a consciência nunca consegue colocar inteiramente o objeto diante de si – sempre algo escapa à consciência e à razão (MERLEAU-PONTY, 1960/2014). Sempre há um fundo pressuposto que sustenta o objeto que a consciência irá conhecer e dominar ou controlar, a qual ela não consegue ter acesso total ou completo (MERLEAU-PONTY, 1956-61/1995). Dessa forma, conseguimos observar que a obra do filósofo é recheada de tensões, e aqui podemos perceber outra que nos conduz ao outro tema do texto, a saber: *inconsciente e consciência* – contribuindo não só com a Filosofia, mas também com a própria Psicanálise. O filósofo vê nas relações entre ambos, consciência e inconsciente, uma tensão não no sentido clássico de contradição e nem de oposição. Uma articulação entre duas estruturas perceptíveis, diríamos que ao filósofo o *inconsciente se estrutura como percepção* (SEVERO, 2021, p. 26), em que tencionam, mas também se definem por uma delimitar a outra estrutura. O inconsciente (como o invisível, ou como o silêncio, ou como a sombra) seria aberto em detrimento do

fechamento – aqui pensada como síntese – da consciência, ou seja, no campo do sentido e do significado, o inconsciente segue a abertura do fundo da figura. Enquanto o visível e a consciência delimitam um campo específico, uma figura, para conseguirem pôr o objeto para que, assim, o conhecimento aconteça, por exemplo; já o inconsciente não, ele é aberto em relação ao significado e ao sentido, e até mesmo ao conhecimento, ele registra-se no desconhecido, mas instituinte e falante (SEVERO, 2018). Por isso, vemos o filósofo perceber o inconsciente como simbolismo primordial, e que o permite ver que a Fenomenologia e a Psicanálise visam a mesma *latência* (Merleau-Ponty, 1960/2000, p. 283) - simbolismo primordial e contato originário. A Psicanálise tem uma grande contribuição por conseguir descrever o originário – por exemplo, ao falar da relação mãe/bebê, da instituição do sujeito, emersão do desejo – e, desse modo, apresenta os vínculos originários de imbricamento, *Quiasma*, entre outros. Ela revela que o *Eu* não é dado, não nascemos com ele, não existe *a priori*, ou seja, ele precisa constituir-se e nascemos imersos na *Carne* e no mundo. A Psicanálise não só nos revela, como também nos descreve, isto é, fenomenologicamente, ela é um ponto ímpar de descrição de todos esses elementos, informando-nos e permitindo conhecê-los em suas constituições originárias. Por obter êxito, o filósofo compreende que a Psicanálise se utiliza de premissas distintas das premissas tradicionais que geraram os prejuízos clássicos e/ou pensamento de sobrevoos que herdamos (SEVERO, 2018; 2020).

Entretanto, o modo como a Psicanálise se difere dos prejuízos clássicos herdados não se deu de modo total, ou seja, ao filósofo, somente a técnica psicanalítica não seguiu essas premissas, enquanto que não podemos dizer o mesmo em relação à teoria. Em relação à teoria ou à *metapsicologia*, o filósofo possui certas reservas, mas já em relação à técnica não, pois consegue nos conduzir a essas experiências originárias e estruturar a reflexão (filosófica) a partir e por meio destas. Logo, a técnica psicanalítica, por romper com a Filosofia Tradicional, consegue propor uma Filosofia Nova, mas que ainda está por se realizar – por isso, a insistência do filósofo em termos como *esboço* e/ou *projeto* de uma Filosofia Nova – às vezes denominada como Filosofia do Freudismo ou freudismo somente (MERLEAU-PONTY, 1960-1961/1996). Percebemos também que a importância da Psicanálise para o filósofo, devido ao seu caráter revolucionário, encontra-se presente ao longo de toda a sua obra, da primeira *A Estrutura do Comportamento* à última *O visível e o invisível*. A Psicanálise sempre participa e está presente na reflexão que o filósofo se propõe sobre os temas em discussão, sua participação ocorre sempre como algo que acrescenta elementos a sua reflexão, como fonte de informação. Isso não significa uma aceitação incondicional da Psicanálise em suas reflexões, ou seja, Merleau-Ponty (SEVERO, 2018; 2020) opera críticas à Psicanálise. Apesar disso, sempre

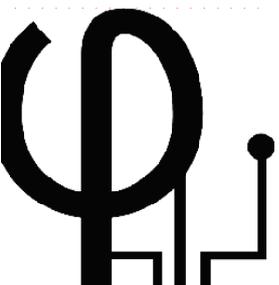
há a participação dela em suas reflexões, seja ela crítica ou não, a Psicanálise sempre acrescenta, sempre apresenta e descreve o originário buscado pelo filósofo e que foi perdido graças às premissas prejudiciais da tradição. Vemos, por exemplo, o capítulo *O corpo como ser sexuado* da *Fenomenologia da Percepção* em que o filósofo revela a aproximação da Psicanálise com a Fenomenologia por buscar exatamente sempre o sentido em tudo e de tudo (MERLEAU-PONTY, 1945/2008, p. 195). No caso específico do tema do capítulo, de conseguir nos revelar que até a sexualidade é um polo de instituição de sentido, que seria também a potência do corpo como expressão e fala (MERLEAU-PONTY, 1945/2008, p. 213). Mas para conseguirmos captar isso que a Psicanálise por si só nos fornece, por meio dela própria, são necessárias algumas depurações – influência de Politzer (1928/1998). O filósofo critica, por exemplo, a tentativa da metapsicologia freudiana de apresentar explicações naturalistas (ou seja, advindas das Ciências Naturais), as quais Freud (1915/2006; 1915/2004) baseou-se para definir o inconsciente (SEVERO, 2021). A metapsicologia, distintamente da técnica, opera como fator de resistência às descobertas freudianas fundamentais. Portanto, o filósofo, em suas escolhas, elege tanto a Fenomenologia quanto a Psicanálise depurada importância notória à Filosofia (SEVERO, 2018).

Como mencionado anteriormente, a Merleau-Ponty (SEVERO, 2018; 2020) alguns elementos da Psicanálise precisam ser depurados para que se ressaltem os pontos positivos e expurguem os pontos negativos para que ela consiga acompanhar a Fenomenologia em uma leitura crítica à tradição e revele uma Nova Filosofia. Então, aos olhos do filósofo tanto a Fenomenologia quanto a Psicanálise depurada criticam a tradição e revelam uma nova perspectiva da existência e novas modalidades existenciais. Uma nota de trabalho de Merleau-Ponty (1964/1971) em *O visível e o invisível*, intitulada de *Corpo e carne – Eros – Filosofia do Freudismo*, coordena-nos nos caminhos tortuosos dentro de sua obra como os caminhos que segue na Psicanálise, principalmente de Freud e Klein. Logo, para conseguirmos compreender o que o filósofo vê de tão original na Psicanálise - a ponto de afirmar na nota que ela é, como o seu pensamento, uma *Filosofia da Carne*, ou sobre a necessidade de realizarmos uma *Psicanálise Ontológica* (MERLEAU-PONTY, 1964/1971, p. 323) - precisamos iniciar a trilha pelas coordenadas fornecidas por Merleau-Ponty (1960/2000) de que a Fenomenologia e a Psicanálise apresentam a mesma *latência*. Com efeito, percebemos que a proposta do filósofo indica um entrelaçamento estruturante entre a Fenomenologia e a clínica psicanalítica, porque elas efetivam um discurso que se *refere às mesmas coisas*. Essa percepção de uma compatibilidade de discursos possibilitou a Merleau-Ponty (1960-1961/1996) ver na Psicanálise uma Filosofia Nova e, ao lado das Artes, uma epistemologia que descreve uma

zona de experiências arcaicas e primordiais que revelam relações entre seres encarnados, forçando-nos, por exemplo, a rever nossas concepções de *Natureza* – como já indicamos antes. Entretanto, para esse discurso clínico psicanalítico se efetivar, faz-se necessário depurá-lo, tal como ponderou Politzer (1928/1998), para, desse modo, conseguirmos captar essa zona de experiências – se não, tal como as Artes (MERLEAU-PONTY, 1960-1961/1996), a Psicanálise corre o risco de ser sintoma de decadência cultural e não ponto de superação. Uma vez realizado este trabalho de depuração da Psicanálise, conseguimos perceber que ela, tal como as Artes, revela nossas experiências arcaicas e primordiais, as quais existem de modo indestrutível e intemporal.

Resumidamente, Politzer (1928/1998) vê na Psicanálise uma cisão entre uma *técnica revolucionária* e uma *teoria “reacionária”*. Se a Psicanálise quiser sobreviver, ela precisa se voltar somente para a técnica e abandonar a teoria. O autor critica, de modo central, o conceito de inconsciente freudiano, qualificando-o como um conceito em *terceira pessoa*. Já Merleau-Ponty (SEVERO, 2018) *concorda discordando*, tensão premente de sua teoria, do diagnóstico de Politzer (1928/1996). Ele compreende que há a cisão indicada na Psicanálise, concorda com a necessidade de depuração da Psicanálise, mas se aprofundarmos a visão de Merleau-Ponty (1956-61/1995; 1958-59/1996) em relação às Ciências - e diferente substancialmente da heideggeriana -, veremos que, além de possuir uma postura própria, essa visão não permitirá seguir o diagnóstico de Politzer (1928/1998) em relação à Psicanálise (SEVERO, 2018). O filósofo não fecha os olhos para a dominação e o desencantamento do mundo promovido pelos cientistas e pelas Ciências contemporâneas, só que, em suas pesquisas, os cientistas conseguem gerar dados e informações que não enxergam completamente. Isto é, eles viram as costas ao *Ser* e a Filosofia com que tropeçam ou se deparam em suas pesquisas, pois não olham para o *Ser* que se delineia no horizonte de seus trabalhos, mas os filósofos precisam olhar. Os cientistas chegam a tocar no *Ser* e na Filosofia, só que se portam como cegos ao que tocam, e, por isso, não revolucionam ou alteram a própria Ciência que praticam – por isso, a decadência da cultura (MERLEAU-PONTY, 1960-1961/1996). Como os filósofos precisam olhar para isso, a Ciência vira um meio em que os cientistas se encontram alienados, mas os filósofos não deveriam estar, visto que precisam olhar para aquilo que os cientistas não querem ver. Em relação à Psicanálise, e, especificamente no que tange a *metapsicologia* freudiana, isso se repete. Freud (1915/2006; 1915/2004), ao filósofo, não olhou e não fez referente a teoria, mas deveria ter feito e olhado.

Logo, é possível vermos por meio dela, entretanto como a definição de inconsciente é reacionária, a salvação aos nossos olhos encontra-se na técnica.



Politzer (1928/1998) é o autor que inspira o processo de depuração da Psicanálise para Merleau-Ponty (SEVERO, 2018) em toda sua obra, e é nele também que encontramos a proposta de refino da Psicanálise atrelada à necessidade de resgatarmos o caráter revolucionário da técnica de Freud (2017). Contudo, em Merleau-Ponty (1960-1961/1996), o revolucionário da clínica psicanalítica ganha estatuto de Filosofia Nova em consonância com a Fenomenologia. A importância de dizer que a Psicanálise e a Fenomenologia apontam e denunciam uma Filosofia Nova se dá pela destreza de ambas em combater as explicações reducionistas reinantes na Ciência e na Filosofia da época do filósofo. Essas explicações calcam-se exclusivamente na causalidade ou em terceira pessoa - termo também emprestado de Politzer (1928/1998), ou como prefere o filósofo, *prejuízos clássicos* (MERLEAU-PONTY, 1945/2008) ou *pensamento de sobrevoos* (MERLEAU-PONTY, 1964/2015) –, que se radicalizou de modo vertiginoso tanto no século anterior como em nosso século. Para a Psicanálise, o sonho sempre é fruto do sujeito concreto, o sentido do ato sempre é fruto do agente, revelando a Fenomenologia que a expressão do mesmo ocorre via *fala falante* (MERLEAU-PONTY, 1945/2008; SEVERO, 2018). Esse fato escapa às explicações causais dominantes nos dias de hoje – até da via falante também se expressar no gestual. Vale ressaltar que, para Politzer (1928/1998), a revolução clínica psicanalítica não se deu de modo integral em virtude de um problema identificado por ele no que se refere à proposta freudiana de Inconsciente. Para ele, quando Freud (1900/1999) teoriza, e também alguns pós-freudianos na visão de Merleau-Ponty (1960-1961/1996; 1964/1971), o conceito de inconsciente, ele cai em uma formulação filosófica e científica tradicionais desse conceito. Essa formulação faz, aos olhos de Merleau-Ponty (SEVERO, 2018), com que a revolução clínica psicanalítica corresse o risco de ser sufocada pela explicação em terceira pessoa, pois a definição teórica não privilegia a verdadeira inspiração clínica freudiana, afastando a Psicanálise da Fenomenologia. Essa verdadeira inspiração clínico-freudiana, a Merleau-Ponty (1960-1961/1996; SEVERO, 2021b), arroga o sujeito à autonomia e que ele se engaje, responsabilize-se e se apodere de seus atos. A autonomia por intermédio da técnica psicanalítica corresponderia a um movimento emancipatório fomentado pela própria aplicação do procedimento terapêutica. Os limites da consciência se efetuam devido às resistências do sujeito de se responsabilizar por seus atos, preferindo a alienação de si (SEVERO, 2021b).

O caráter de Filosofia Nova atribuído por Merleau-Ponty (1960-1961/1996) à Psicanálise e o encontro com a Fenomenologia incidem exatamente nesse ponto, pois, as explicações causais ou em terceira pessoa que dominam a Ciência da época do filósofo e a Filosofia tradicional cindida advogam em favor da alienação. Destarte, a clínica

psicanalítica e a criação artística – genuinamente artística – passam a ser os elementos ímpares de superação desse quadro, e no caso da clínica psicanalítica devido à revolução da técnica e, paradoxalmente, ao desacordo da alienação de sua teoria (calcada na Psicologia Clássica, representante da Ciência que habita o interior teórico da Psicanálise). Se formos fiéis à revolução técnica psicanalítica, poderemos contemplar que tanto ela como a Fenomenologia e as Artes divergem, de um lado, da Ciência contemporânea, que, para Merleau-Ponty (1960-1961/1996), foca-se na manipulação de objetos, e, do outro, da Filosofia tradicional, que gestou a cisão subjetivo/objetivo ou sujeito/objeto.

O enfoque das divergências da Fenomenologia, Artes e da Psicanálise em relação à Ciência contemporânea e à Filosofia tradicional se dão, ao filósofo, pelo combate ao pensamento causal e à busca do simbolismo primordial. A busca do simbolismo primordial é central para Merleau-Ponty (1964/2015), pois permite não só retomarmos o sopro de vida que estrutura a própria Filosofia e a Ciência, bem como combatermos o caráter manipulador reinante na Ciência contemporânea e a cisão sujeito/objeto da Filosofia tradicional. Refundar o conhecimento no solo do mundo passa a ser um processo essencial, e para isso, e além da Psicanálise, a Arte contemporânea, para Merleau-Ponty (1964/2015), é fundamental. Logo, tanto a Arte quanto a clínica psicanalítica se destacam por se fundarem no sentido bruto do mundo, ou seja, no centro da existência que precisa ser resgatado. Nessa busca do simbolismo primordial, encontramos a *fortuna da pintura*, por exemplo, que é a capacidade de escavar a ciência secreta do mundo (MERLEAU-PONTY, 1960-1961/1996). O filósofo percebe, então, um paralelo importante que o faz conceber a fortuna da Psicanálise como a imagem da fortuna da pintura, ou seja, a capacidade da Psicanálise de escavar a Filosofia Nova do mundo. A Psicanálise, tal como a pintura, discursa sobre uma das dimensões do *Ser bruto*, e, em uma possibilidade específica, sobre a dimensão das relações entre os homens e entre eles e a Natureza (MERLEAU-PONTY, 1960-1961/1996). As relações entre os homens apresentada pela Psicanálise calcam-se no que o filósofo denominou de assombração dos corpos, que fomenta um esboço de Filosofia por visar à integração entre estes, integração castigada e perdida pela Filosofia tradicional cindida e a Ciência manipuladora. Esse esboço fomentado pela assombração apresenta soluções filosóficas a alguns problemas tradicionais por meio do entrelaçamento dos corpos ou por seu imbricamento, e, dessa maneira, consegue, por exemplo, delimitar de modo mais claro o lugar e o papel da consciência na existência. A Psicanálise consegue, se mantendo no exemplo, mostrar-nos que a emergência da verdade na existência se efetua pelo amor (platônico) à verdade, por meio de uma ascensão dialética intercorpórea a ela – em consonância com Freud (2017, p. 355). Para Merleau-Ponty

(1960-1961/1996), então, a Psicanálise e as Artes seriam um espírito ou um saber que reconhece os limites da razão e redescobre nossa arqueologia, reencontrando o contato com o *Ser* e o pré-objetivo. Exatamente por conceber o mundo como partes do mesmo Ser e em relações de imbricamento, elas revelam, por meio dessas relações, que o mundo não existe enquanto representação ou como operação do pensamento, mas, sim, como abertura e como contato estruturado pela duplicidade do sentir, enigma da visão e mistério da passividade.

As Artes e a Psicanálise retomam o mundo como questão interminável e revelam a existência de uma potência, de um *Logos Estético e/ou Ser Universal* (MERLEAU-PONTY, 1964/2015; 1960-1961/1996). Uma das importâncias do que foi dito é, por exemplo, que o pensamento deixa de ser a única via de contato com a vida e fomentam-se outras formas de experiências para além do viés epistemológico tradicional ou científico, ampliando a clínica *ao cotidiano* e legitimando formas plurais de subjetivação. Uma das consequências dessa virada, para Merleau-Ponty (1960-1961/1996; 1956-1960/1995), é que tanto a Psicanálise quanto as Artes denunciam tensões entre a Natureza e a Cultura criadas pela tradição epistemológica, buscando superar a visão reducionista da Ciência contemporânea e da Filosofia tradicional que insistem em submeter à primeira a segunda. A Psicanálise possibilita-nos ver o imbricamento entre a Natureza e a Cultura, e uma como *dobra do Ser* da outra. Enquanto as Artes revelam que o solo da Cultura é a Natureza. A importância clínica da Psicanálise se legitima na possibilidade se estabelecer, ao lado das Artes, como dobra do Ser (MERLEAU-PONTY, 1956-1960/1995). Portanto, ela é uma das formas de nos permitir ver o corpo humano como expressão criativa da Natureza, como uma corporeidade específica dentro de um movimento estético mais amplo. O filósofo exemplifica essa potência da Psicanálise no fenômeno do *esquema corporal*, em que Merleau-Ponty (1956-1960/1995) se apropria de modo original do conceito de Schilder (1935/1994), ou seja, dentro do movimento da Natureza, esse conceito revela ao filósofo uma forma de ser corpo específica dentro das demais formas existentes. A Natureza *invisível* se faz *ver* pelo corpo humano visível, e dentro desse movimento mais amplo da Natureza, aos olhos de Merleau-Ponty (1956-1960/1995), a humanidade é uma forma específica de ser corpo dentre as várias existentes, de ser um fio no tecido do Ser e com intencionalidade própria. A Psicanálise, tal como as Artes, percebe essa invisível Natureza pelo *Ineinander* (conceito husserliano compreendido por Merleau-Ponty (1956-1960/1995, p. 269) como aderência de tudo a tudo). Desse modo, para Merleau-Ponty (1960-1961/1996), a Psicanálise, devido as suas capacidades perceptivas, arroga uma reformulação à pergunta filosófica central – “Que sais-je?” –, impregnando-a de experiências devido ao *Ineinander*. Reformular-se-ia o modo como podemos alçar o conhecimento revelado mediante a clínica psicanalítica, pois

a pergunta epistemológica se metamorfoseia em um saber questão, como um contínuo movimento interrogativo que apresenta modos de ser e de variadas formas de subjetivação. A reformulação da pergunta desdobra-se em uma reforma da definição e do conteúdo do conhecimento. O que importa agora não é a resposta em si – uma vez que ela não poderá ser completamente respondida, visto que, se for, será a morte da pergunta e do conhecimento -, mas a capacidade de manter-se na pergunta e alçar-se ao desconhecido, algo idêntico ao objetivo clínico (BION, 1963/2004; 1970/2006). A própria pergunta já é um saber que precisa permanecer aberta à produção de saber, então por isso a reformulação da pergunta desdobra-se na reforma da definição e do conteúdo do conhecimento. O que importa não é a resposta em si, mas a capacidade de manter-se na pergunta. Exemplificando, Merleau-Ponty (1956-1960/1995) vê uma das formas do saber questão se manifestar via Psicanálise pelo esquema corporal (SCHILDER, 1935/1994), como saber de *Ineinander* e que revela e descreve os nossos contatos e experiências primordiais, fonte do conhecimento. O esquema corporal via Psicanálise nos revela o poder de figuração e experimental de tudo pelo corpo por uma unidade existencial centrada em uma imagem corporal – um corpo estetizante. A imagem corporal e a de outrem se formam do mesmo modo, ou seja, para o esquema corporal tanto o corpo quanto o outro são objetos externos à própria imagem, isto é, tanto o eu (imagem) quanto o outro são externos ao corpo, como expressões dele.

Aqui cabe retomarmos os comentários iniciais à obra do filósofo aludido neste trabalho referente à *ruptura programada*. Seria um desdobramento da redução fenomenológica a “cisão” na obra de Merleau-Ponty, se o filósofo não desdobrasse o próximo passo da redução à Natureza como foi feito, o corpo tornar-se-ia um elemento que se enquadraria nos prejuízos da tradição como um ente metafísico ou transcendental. Logo, como o próximo passo da redução requer a redefinição do conceito de Natureza para permitir a redução continuar o seu processo, o filósofo não ficou refém dos prejuízos clássicos que ele critica, e nem do pensamento de sobrevoo. Dentro de um movimento lógico, o ponto de fundação da redução exigiu as redefinições estabelecidas de natureza e corpo do início da obra, pois é dessa fundação que ele chega aos limites dos conceitos requerendo a reformulação necessária para redução e a manutenção do movimento crítico elaborado pelo filósofo. A crítica à tradição e ao movimento de redução requereu esse ponto de fundação para que eles pudessem se realizar por meio da reformulação dos conceitos ocorrida a partir da década de 50. Logo, a ruptura, atribuída ao pensamento do filósofo por alguns comentadores, é um momento lógico necessário ao próprio processo crítico e de redução executado por Merleau-Ponty que representa bem o norte de seu pensamento que trabalha com as tensões da existência.

Retornando à interpretação do filósofo à Psicanálise, vemos que é dentro do universo expressivo que se ultrapassaria uma dita filosofia da consciência, Merleau-Ponty (1945/2008) percebe outra aproximação da Psicanálise com a Fenomenologia; a sexualidade e a fala, que se destacam por serem expressões que animam o mundo original, que fornecem valor e significado às coisas e ao eu. Há um poder de significação na expressão sexual que faz concebermos o corpo como expressão, ser sexual e como fala (SEVERO, 2018). A expressão sexual se realça ao se efetivar na relação de identificação, como inerência ao mundo, como comunicação privilegiada (MERLEAU-PONTY, 1956-1960/1995). A identificação passa a existir em seu expoente máximo como *Carne*, ou seja, como o que nos possibilita não apenas ver o corpo como unidade fundamental de nossa experiência, mas também como doar e dotar de significado a experiência efetiva de sua unidade, e, ao mesmo tempo, como relação empática. A capacidade empática do corpo é de aderência primordial, é de indivisão dele com as sensações que permitem a intercorporeidade se estruturar como elemento básico da existência, como estrutura sensível e de promiscuidade. Se a estrutura sensível coordena a relação do meu corpo com ele mesmo e com as coisas, também coordena as relações entre os elementos existentes no mundo, caracterizando a *Carne* como o estofado do mundo, pois permeia todas as relações existentes e as mantém em um contato promíscuo. Desse modo, ao percebermos essa dimensão da experiência, vemos nela uma dimensão originária ao filósofo e importante para a clínica psicanalítica, cuja importância se dá em razão da proposta de nos direcionar ao novo e de nos direcionar para a mesma latência da Fenomenologia.

Entretanto, a importância não se esgotaria nesse ponto, há outra relação central e fundamental da Psicanálise como Filosofia Nova e que se refere a um dos elementos centrais à Fenomenologia: a *consciência*. Para Merleau-Ponty (1960-1961/1995), a relação da sexualidade com a consciência nos ajuda a compreender o lugar e a importância da própria consciência, não só à Fenomenologia, bem como à Psicanálise. Para o filósofo, faz-se necessário retomar e rever as definições de inconsciente freudianas, pois, para Freud (1915/2006; 1915/2004), o inconsciente é responsável pela mediação da sexualidade com a consciência. A relação se estrutura devido ao recalque, na ordem do *je ne sais pas et je l'ai toujours su* (MERLEAU-PONTY, 1960-1961/1995, p. 351) (ou “na verdade, eu sempre soube disso, mas não pensava nisso” (FREUD 2017, p. 153)), núcleo da *Verneinung* - negativa ou denegação (FREUD, 1925/2007; HANNS, 1996; HYPPOLITE, 1966/1999). A *Verneinung* se apresenta, para Merleau-Ponty (1956-1960/1995), como o ponto de superação do instinto animal – incorporando-o como infraestrutura -, propiciando o surgimento da consciência, e revelando que o *inconsciente* tem a mesma estrutura de comunicação da *percepção* (o

mecanismo da negação seria igual ao mecanismo do sensível). Dessa forma, a percepção e o inconsciente têm a mesma estrutura, infligindo ao inconsciente que ele não pode ser representacional, pois se estrutura como percepção. Por isso, surge a crítica central de Merleau-Ponty (1956-1960/1995) à formulação freudiana de inconsciente, pois o filósofo considera que Freud (1915/2006; 1915/2004) concebe um *inconsciente representacional*, e que lhe faltou filosofia nesse momento. A solução encontrada pelo filósofo se consolida por meio da própria Psicanálise, na proposta de, como ele denominou, *inconsciente figuração* de Klein (1930/1996; SEGAL, 1975; 1982). É exatamente por figurar, como a percepção, que o inconsciente consegue revelar o corpo humano como simbolismo natural, donde brotam sentidos que anunciam outros significados, *ad infinitum*. Dessa forma, Merleau-Ponty (1959-1960/1995) consegue encontrar no coração do *inconsciente figuração* uma das faces criativas da vida, permitindo, ao desvendarmos, percebermos as relações entre Fenomenologia e Psicanálise, e nos depararmos com novas modulações existenciais e novas formas epistemológicas.

Logo, para ampliarmos a imersão fenomenológica ao interior da Psicanálise via o filósofo, é fundamental aprofundarmos a ideia de inconsciente figuração kleiniano. Um caminho frutífero versa sobre os conceitos kleinianos de fantasia, que possuem matriz originária distinta da freudiana. Como vimos, Freud (1915/2006; 1915/2004) privilegia vias representacionais para ancorar o seu conceito de inconsciente e, por conseguinte, o de fantasia. Já Klein (1930/1996; SEGAL, 1975; 1982) apresenta uma relação direta e sem mediação entre pulsão e fantasia, sendo a última expressão da primeira, em uma dimensão vigorosamente psicossomática – algo que facilita ao filósofo perceber o conceito de fantasia como expressão do corpo. É também importante aprofundarmos a nova matriz de linguagem – distinta da lacaniana – que o filósofo traz para a Psicanálise e a deposita em seu interior. O filósofo vê no modo como Freud (1915/2006; 1915/2004) propôs o inconsciente representacional, impedindo o acesso ao novo ou ao desconhecido, paradoxalmente, um inconsciente que só consegue repetir – pura *repetição* –, sem abertura a uma *fala falante* que promova uma nova expressão ou significação. Isso seria um dos principais motivos da necessidade de se reformular ou abandonar a proposta de um inconsciente representação e transitar ao inconsciente figuração – pois, o figurar permite, como nas Artes, arranjos diferentes, promovendo sentidos novos. Aproximando mais do ponto da linguagem propriamente dito, Merleau-Ponty (1960a/2014; 1960b/2014) compreende que ao vermos a linguagem estritamente em termos de significante e significado, essa separação não deixa de ser uma cisão que mantém vivo os prejuízos herdados da tradição – uma repetição da cisão sujeito/objeto. Desse modo, para evitarmos a repetição desses prejuízos, não podemos ver a linguagem em termos estritamente

representacionais, ou em termos de referência, bem como cindida entre significantes e significados. A linguagem precisa manter sua fonte perceptiva, seu contato originário, pois, nesse contato, a cisão significante/significado não se sustentaria mais – como todo e qualquer prejuízo oriundo da tradição. Tendo como ponto de origem de significação a percepção e como movimento o expressivo, a linguagem irá se solidificando em *falas faladas* ou *instituídas* (MERLEAU-PONTY, 1945/2008). Pode-se solidificá-la nesse movimento em pensamentos cada vez mais abstratos até encontrar os matemas e algoritmos, mas que nunca irão estruturar a linguagem ou as relações ao filósofo; eles seriam a solidificação da expressão de modo abstrato do *sujeito falante* e não formador ou sua formação (MERLEAU-PONTY, 1969/2008). Portanto, é necessário fugirmos desses prejuízos herdados para resguardarmos a dimensão expressiva e originária da própria linguagem, e do sujeito, e que corremos riscos alienantes se invertermos a ordem constitutiva.

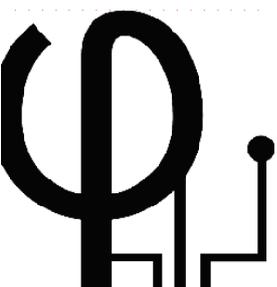
Merleau-Ponty (SEVERO, 2020; 2021) também contribui de forma relevante com a Psicanálise quando percebemos as nuances de suas propostas e como destaca pontos não muito percebidos no universo “psi” (psicólogos, psicanalistas, cientistas sociais, entre outros). Por exemplo, nas observações do filósofo sobre o inconsciente, amor à verdade e produção de sentidos, percebe-se que destaca um dos elementos centrais do processo analítico que é ter como meta final da cura duradoura do paciente o exercício de sua autonomia. Quando adentramos o campo terminológico freudiano – muito castigo pelas traduções para o português (TAVARES, 2011; HANNS, 1996), as novas traduções permitem adentrarmos em detalhes relevantíssimos que apresentam reconfigurações de nossas interpretações sobre o autor. Há, por exemplo, os termos *perlaboração* (*Durcharbeitung*) e *elaboração* (*Verarbeitung*) que, tradicionalmente, foi traduzido para o português como uma coisa só – elaboração – que nos faz perder as nuances clínicas distintas dos fenômenos que esses dois termos indicam. Apesar de não ser o foco de Merleau-Ponty (SEVERO, 2021), ele nos chama a atenção para essas questões clínicas e de método que requerem leituras mais atentas de Freud. Perlaboração, no pensamento freudiano, equipara-se à ideia de superar ou superação, no sentido estrito ou “ao pé da letra” de “passar por cima” – não necessariamente requer elaboração para execução desse ato. Por exemplo, quando Freud (2017) coloca como premissa técnica a passagem do inconsciente a consciente, algo que a resistência impede, defende ser necessário superar a resistência, ou seja, perlaborar a resistência para que a passagem ocorra – isso não requer elaboração necessariamente para ocorrer, pois é uma passagem em que não se acrescenta sentido ao que passou de um estado ou sistema ao outro. Por outro lado, quando se faz necessário dar um sentido a um trauma ou uma vivência sem compreensão (FREUD, 2017) a problemática é outra, pois o

que impede de um indivíduo dar sentido ou compreensão a um trauma ao qual viveu é a resistência. Logo, faz-se necessário o indivíduo perlaborar a resistência para conseguir dar sentido, ou melhor, elaborar. A perlaboração não dará esse sentido, por isso, requer outro ato, ou seja, a elaboração. Portanto, *you perlabor a resistance to elaborate the trauma*. Essa nuance não tanto considerada porque as traduções mais antigas de Freud para o português traduziam termos distintos por um único nome (elaborar). Isso faz com que revejamos a clínica do lado da Psicanálise e nos auxilia a compreender a existência do processo de simbolização e simbolismo primordial, do lado da Filosofia. Logo, discussões de Merleau-Ponty (SEVERO, 2018; 2020; 2021) sobre a Psicanálise chama a atenção para detalhes clínicos relevantes, como o exemplo citado das diferenças entre perlaboração e elaboração. Uma vez que elaboramos, falamos de uma confecção de significado e sentido em um simbolismo primordial porque as coisas elaboradas passam a ganhar existência, ganham linguagem, palavra, pensamento (entre outros), e, ao mesmo tempo, percebe-se porque há resistência. Uma vez que experiências ganham existência pela elaboração, emerge o sofrimento que a resistência visa evitar; logo impedir que vivências passem a existir para determinado sujeito faz com que a resistência impeça o sofrimento, apesar de, paradoxalmente, esse impedir gerar sofrimento também.

Por fim, podemos sintetizar que a visão de Merleau-Ponty (SEVERO, 2018) prepondera acerca da técnica analítica é próxima a de Bion (1967/1990), pois, o analista inglês compreende a Psicanálise antes de tudo como uma metodologia, e que versa sobre um único elemento de importância, isto é, o desconhecido, o novo, a região em que brotam sentidos que anunciam outros significados. Para ele, todas essas características são características da região inconsciente. Desse modo, a Psicanálise torna-se uma ferramenta imprescindível para a Filosofia, pois nos permite livrar-nos de leituras “psicologizantes” e nos direcionar a debates filosóficos. Seguindo a trilha de Bion (1962) sobre o referido problema, estendemos provisoriamente a relação da Psicanálise com a Fenomenologia como define o psicanalista inglês ao ver a semelhança da Psicanálise com uma teoria filosófica pelo fato dos filósofos se preocuparem com os mesmos assuntos e problemas que o psicanalista. Entretanto, não podemos afirmar que a Psicanálise em si seja uma Filosofia, e por isso Merleau-Ponty (1960-1961/1996) a vê também como um método indireto tal como as Artes (FERRAZ, 2009).

Contudo, a Psicanálise se difere da teoria filosófica por se destinar à prática (BION, 1962), ou seja, todas as teorias psicanalíticas visam o uso ou a *praxis*. Portanto, a importância da Psicanálise para a Fenomenologia e a Filosofia, e vice-versa, ocorre visto que estas se debruçam sobre os mesmos assuntos e problemas, mas a Fenomenologia e a Filosofia se diferem porque a Psicanálise sempre tem como objetivo o uso prático desse saber

“filosófico” produzido. Portanto, compreendemos que as semelhanças das teorias psicanalíticas com “uma teoria filosófica depende do fato de que os filósofos se preocuparam com o mesmo assunto”, mas “difere da teoria filosófica na medida em que se destina, como todas as teorias psicanalíticas, ao uso” (BION, 1962, p. 306).



REFERÊNCIAS

- BARBARAS, R. *Le tournant de l'expérience*. Paris: Vrin, 1998.
- BARBARAS, R. *De l'être du phénomène: Sur l'ontologie de Merleau-Ponty*. Grenoble: Jérôme Million, 1991.
- BION, W. R. (1970). *Atenção e interpretação*. 2. ed. Rio de Janeiro, Imago, 2006.
- BION, W. R. (1967). Notas Sobre Memória e Desejo. In: BION, W. R. *Melanie Klein hoje: Desenvolvimento da teoria e técnica*. Volume 2: Artigos predominantes técnicos. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- BION, W. R. (1963). *Elementos de psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- BION, W. R. The Psycho-Analytic Study of Thinking. *Int. J. Psycho-Anal.*, n. 43, 1962.
- FERRAZ, M. S. A. *Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty*. Campinas: Paparius, 2009.
- FREUD, S. *Fundamentos da Clínica Psicanalítica*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- FREUD, S. (1925). A negativa. In: FREUD, S. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- FREUD, S. (1915). O Inconsciente. In: FREUD, S. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. (1915). O Recalque. In: FREUD, S. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Edição comemorativa 100 anos. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- HANNS, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HYPPOLITE, J. (1966). Commentaire parlé sur la «Verneinung» de Freud. In: LACAN, J. *Écrits I*. Paris: Éditions du Seuil, 1999.
- KLEIN, M. (1930) A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In: KLEIN, M. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Volume I das obras completas de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- MERLEAU-PONTY, M. (1969). *La prose du monde*. Paris: Gallimard, 2008.
- MERLEAU-PONTY, M. (1964). *L'oeil et l'Esprit*. Paris: Gallimard, 2015.
- MERLEAU-PONTY, M. (1964). *Le visible et l'invisible*. Paris: Gallimard, 1971.
- MERLEAU-PONTY, M. (1958-59). La philosophie aujourd'hui. In: MERLEAU-PONTY, M. *Notes des Cours au Collège de France*. Paris: Gallimard, 1996.
- MERLEAU-PONTY, M. (1960-1961). Cours de 1960-1961. In: MERLEAU-PONTY, M. *Notes des Cours au Collège de France*. Paris: Gallimard, 1996.
- MERLEAU-PONTY, M. (1956-61). La Nature. In: MERLEAU-PONTY, M. *Notes Cours du Collège de France*. Paris: Seuil, 1995.
- MERLEAU-PONTY, M. (1960). Le philosophe et son ombre. In: MERLEAU-PONTY, M. *Signes*. Paris: Gallimard, 2014.
- MERLEAU-PONTY, M. (1960a). Le langage indirect et les voix du silence. In: MERLEAU-PONTY, M. *Signes*. Paris: Gallimard, 2014.
- MERLEAU-PONTY, M. (1960b). Sur la phénoménologie du langage. In: MERLEAU-PONTY, M. *Signes*. Paris: Gallimard, 2014.
- MERLEAU-PONTY, M. (1960). L'oeuvre et l'esprit de Freud. In: MERLEAU-PONTY, M. *Parcours deux*. Paris: Verdier, 2000.
- MERLEAU-PONTY, M. (1945). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 2008.
- MERLEAU-PONTY, M. (1942). *La structure du comportement*. Paris: P.U.F, 1972.

- MOURA, C. A. R. Merleau-Ponty leitor dos clássicos. *Dois pontos*, v. 9, n. 1, p. 97-119, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/dp.v9i1.29094>.
- MOURA, C. A. R. *Racionalidade e crise*: Estudos de história da filosofia moderna e contemporânea. São Paulo: Discurso Editoria; Ed. UFPR, 2001.
- MOUTINHO, L. D. S. Merleau-Ponty e a “filosofia da consciência”. *Dois pontos*, v. 9, n. 1, p. 121-153, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/dp.v9i1.29096>.
- MOUTINHO, L. D. S. *Razão e experiência*: Ensaio sobre Merleau-Ponty. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- POLITZER, G. (1928). *Crítica aos Fundamentos da Psicologia*: a psicologia e a psicanálise. Piracicaba, SP: Unimep, 1998.
- SCHILDER, Paul. *A imagem do corpo*. São Paulo: Martins Fontes, 1935/1994.
- SEGAL, H. *A obra de Hanna Segal*: uma abordagem kleiniana à prática clínica. Rio de Janeiro: Imago, 1982.
- SEGAL, H. *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1975.
- SEVERO, D. C. A descoberta acidental de Freud: um esboço de uma nova Filosofia e a Filosofia do Freudismo. *Eleuthería*, v. 6, p. 13-28, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/reveleu/article/view/13082>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- SEVERO, D. C. A técnica freudiana como exercício da autonomia. In: FREITAS PINTO, W. C.; ALBERTINI, R. Z.; SOUZA, R. A. (Org.). *Subjetividade, Filosofia e Psicanálise*. 1. ed. Curitiba: CRV, 2021b.
- SEVERO, D. C. Conclusão: o projeto de uma Psicanálise Ontológica. In: *Os Sujeitos do Homem Psicanalítico*: Rumo à arqueologia dos sentidos. Curitiba: CRV, 2020.
- SEVERO, D. C. *O Projeto de uma Psicanálise Ontológica em Merleau-Ponty*. 2018. Tese (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2018.
- TAVARES, P. H. *Versões de Freud*: breve panorama crítico das traduções de sua obra. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

